

# Inventário de fontes das escolas dirigidas pelo educador anarquista João Penteado (1912-1961):

dimensão pedagógica e contribuição para a  
história da relação trabalho e educação no Brasil\*

Carmen Sylvia Vidigal Moraes\*\*

Daniel Righi\*\*\*

Luciana Santos\*\*\*\*

Tatiana Calsavara\*\*\*\*\*

## Resumo:

O artigo apresenta pesquisa realizada a partir da organização do Acervo João Penteado, conjunto de fontes documentais inéditas geradas nas instituições educacionais dirigidas pelo educador anarquista João Penteado, no período de 1912 a 1961, entre elas a Escola Moderna n. 1. O mapeamento das fontes traduziu-se na construção de um Inventário Analítico, visto como instrumento facilitador do uso pedagógico do arquivo escolar no ensino e pesquisa e como instrumento de classificação formal, propiciador da localização de novas fontes para a história da educação. O texto apresenta dupla perspectiva: relatar a dimensão pedagógica das fontes institucionais assim como indicar sua relevância para a pesquisa histórica e, em particular, a história da relação trabalho e educação na sociedade brasileira.

## Palavras-chave:

*história da educação; arquivos escolares; educação libertária; anarquismo; trabalhadores.*

---

\*. Auxílio CNPq. Texto apresentado no Congresso Luso-Brasileiro de História da Educação, Porto/Portugal, julho de 2008.

\*\* . Livre-docente – Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (FEUSP).

\*\*\*. Mestrando (Bolsa FAPESP) – FEUSP.

\*\*\*\*. Mestre em Educação (Bolsa FAPESP) – FEUSP.

\*\*\*\*\*. Doutoranda em Educação (Bolsa FAPESP) – FEUSP.

# The inventory of sources of the schools directed by the anarchist educator, João Penteadó (1912-1961): pedagogical dimension and contribution to the history of work relation and education in Brazil

Carmen Sylvia Vidigal Moraes  
Daniel Righi  
Luciana Santos  
Tatiana Calsavara

## **Abstract:**

The article shows a research achieved from the João Penteadó's heap organization, a collection of unpublished documents sources produced in the educational institutions, directed by the anarchist educator, João Penteadó, in the period of 1912 to 1961, and between them we have the no.1 Modern School. The trace of these sources came across the building of an analytical inventory, and it was seen as a facilitated instrument of the pedagogical use of the school file in teaching and researching and, while an instrument of formal classification, it was also favored of the localization of new sources to the education history. The text presents double prospect: to give an account of the pedagogical dimension of the institutional sources, as well as to indicate its relevance to of historical research, and, in private, the history of work relation and education in the Brazilian society.

## **Keywords:**

*history of education; school files; liberated education; anarchism; workers.*

## 1. Introdução

O presente artigo apresenta a pesquisa histórica e arquivística realizada a partir da organização do Acervo João Penteado, conjunto de fontes documentais inéditas geradas nas instituições educacionais dirigidas pelo educador anarquista João Penteado, no período de 1912 a 1961, entre elas a Escola Moderna n. 1, do Belenzinho, o qual inclui, também, os textos escritos pelo professor, pertencentes a seu arquivo pessoal. Os arquivos, doados ao Centro de Memória da Educação da FEUSP, em 2005, por parentes deste educador libertário, foram organizados e estão sendo conservados segundo os princípios da arquivística. Os documentos inéditos dos arquivos das escolas, no largo período de quase cinquenta anos, podem propiciar a abertura de novas perspectivas de conhecimento a respeito das práticas educacionais libertárias propostas e implementadas pela Escola Moderna, bem como sobre a história do ensino no estado. O mapeamento dessas fontes traduziu-se na construção de um inventário analítico, visto como instrumento facilitador do uso pedagógico do arquivo escolar no ensino e na pesquisa, e, enquanto instrumento de classificação formal, propiciador da localização de novas fontes para a história da educação. Nessa direção, o texto apresenta dupla perspectiva: relatar a dimensão pedagógica das fontes institucionais, assim como indicar sua relevância para a renovação da pesquisa histórica, e, em particular, da história da relação trabalho e educação na sociedade brasileira.

O trabalho de pesquisa, realizado por um grupo de pesquisadores, professores e alunos bolsistas (iniciação científica, mestrado e doutorado) do Centro de Memória de Educação, da Faculdade de Educação, da Universidade de São Paulo/ Brasil<sup>1</sup>, consistiu no recolhimento, orga-

---

1. Pesquisadores do Grupo de Estudos e Pesquisa Educação e Cultura Anarquistas, do Centro de Memória da Faculdade de Educação/USP.

O grupo de estudos e pesquisa Arquivo João Penteado é constituído, atualmente, pelos professores Carmen Sylvia Vidigal Moraes (coord.), Cecília Hanna Mate e Doris Accioly e Silva; pela doutoranda e arquivista do CME, Iomar Barbosa Zaia, e pelos alunos bolsistas, mestrandos e doutorandos: Tatiana Calsavara (FAPESP), Fernando Peres, Luciana Santos (FAPESP), Daniel Righi (FAPESP), Ana Paula Martins;

nização, acondicionamento e referenciação das fontes do Acervo João Pentead, que se encontra, hoje, sob a guarda do Centro de Memória da Educação (CME).

Trata-se de conjunto documental inédito, de interesse substantivo para a reconstrução histórica das práticas educativas, que reúne o Arquivo Escolar João Pentead, composto de documentos produzidos e acumulados por uma das organizações escolares criadas e mantidas por anarquistas no país, a Escola Moderna n. 1, e pelas posteriores instituições educacionais que funcionaram a cargo do educador João Pentead (1912 a 1961), bem como o seu Arquivo Pessoal, que incluem documentos escritos pelo professor, os quais expressam com relevante ineditismo o pensamento desse importante militante da educação libertária no Brasil.

É bastante conhecida a importância atribuída à educação pelo movimento anarquista, vinculada intimamente à concepção de “revolução social” que defendiam, e, também, ao processo de consolidação da ordem social libertária que pretendiam instaurar (Luizetto, 1987). É possível observar, nesse sentido, entre as diversas iniciativas culturais de natureza pedagógica (imprensa, teatro, literatura etc.), a criação e a manutenção de escolas, centros de estudos e universidades populares. No entanto, apesar do esforço de alguns pesquisadores<sup>2</sup>, no âmbito das atividades educacionais desenvolvidas pelo anarquismo no estado de São Paulo, as práticas relacionadas à educação escolar permanecem as menos conhecidas. Em grande parte, como observa Luizetto (1986), os problemas têm residido nas lacunas de informação causadas pela ausência de fontes e/ou dificuldade de se reunirem séries documentais completas.

A esse respeito, entende-se que o acesso a documentos inéditos dos arquivos das escolas dirigidas por João Pentead, no largo período de quase cinquenta anos, pode propiciar a abertura de novas perspectivas de conhecimento a respeito das práticas educacionais libertárias propostas

---

e os de Iniciação Científica: Flávia Urzua (FAPESP), Débora Pereira de Santos (TCC), Juliana Accioly (CNPq), Juliana Mantovani (FAFE).

2. Entre esses pesquisadores, podem ser citados Flávio Luizetto (1984, 1986, 1987), Edgar Rodrigues (1992), Silvio Gallo (1995).

e implementadas pela Escola Moderna, bem como sobre a história do ensino no estado.

O acervo, doado por parentes de João Penteadó<sup>3</sup>, possui cerca de 37.610 documentos administrativos e pedagógicos; 900 fotografias soltas e 24 álbuns de formaturas e outros eventos escolares, num total de 4.800 fotos; filme sobre eventos comemorativos e atividades esportivas; 300 exemplares dos jornais elaborados por professores e alunos; 200 manuscritos do fundador; e cerca de 167 peças museológicas, como quadros, objetos do antigo laboratório para o ensino de ciências, da geografia, maquinário das aulas de datilografia, projetor de imagens de 16mm, entre outros, além de móveis utilizados na escola, como estantes e carteiras. Algumas peças contêm identificação de sua procedência ou ano de fabricação, indicando as marcas Bender (BRA), Burroughs (USA), Waller (BRA), Remington (BRA), entre outras.

O arquivo pessoal, organizado separadamente, reúne 751 documentos: fotografias, correspondências e produção intelectual de João Penteadó (livros, peças de teatro, poemas, discursos, textos didáticos).

O CME tem sob sua guarda parte da biblioteca escolar que estava alocada no prédio do Colégio Saldanha Marinho, e foi recolhida em 2008. Constituída por 120 volumes, 14 periódicos e 3 apostilas elaboradas na escola, essa parte da biblioteca inclui obras pedagógicas, de conteúdo didático, técnico – voltado ao ensino comercial e da contabilidade, e outras relacionadas ao campo do espiritualismo, principalmente ao espiritismo kardecista e ao espiritualismo de krishnamurti.

---

3. Os documentos foram localizados pela aluna do Programa de Pós-Graduação da FEUSP, Tatiana Calsavara, no decorrer das pesquisas para a elaboração de sua dissertação de mestrado, realizada sob minha orientação: *Práticas da educação libertária no Brasil: a experiência da Escola Moderna em São Paulo* (2004). Diante de nosso interesse institucional, o conjunto documental foi doado ao Centro de Memória da FEUSP por Marli Alfarano, sobrinha-neta de João Penteadó, e seu marido, Álvaro Alfarano. Ambos estudaram nas escolas dirigidas por João Penteadó e seus irmãos, e, mais tarde, vieram a ser professores e diretores da mesma instituição até o seu fechamento, em 2002.

Os alunos bolsistas entrevistaram os doadores do acervo e alguns ex-alunos e ex-professores das escolas, cujos depoimentos constituem importante fonte para o estudo da memória institucional. Também foram organizados alguns encontros para que os doadores pudessem acompanhar a trajetória de pesquisa e viessem a conhecer o processo de conservação e trato documental (higienização, organização, restauro e referenciação das fontes) e sua organização física no CME, em particular, o trabalho de acondicionamento das fotografias.

Nesse momento, em que se faz a comunicação pública do trabalho da pesquisa, concluímos a digitalização de todos os documentos textuais, administrativos e pedagógicos, e de grande parte das fontes iconográficas, os quais se encontram reunidos em DVD e colocados à disposição dos pesquisadores no *site* do CME ([www.cme.fe.usp.br](http://www.cme.fe.usp.br)). O inventário analítico de fontes, como instrumento de classificação formal e facilitador do uso pedagógico do arquivo, foi também concluído, e está à disposição dos pesquisadores.

Cabe ressaltar a qualidade dos estudos realizados pelos alunos bolsistas sobre temas relacionados à educação libertária, às escolas dirigidas por João Penteadó e a seus documentos e biblioteca pessoais<sup>4</sup>. Preparamo-nos, após dois anos de trabalho, para a realização da etapa final planejada, que é a elaboração de projeto temático para o desenvolvimento de análises suscitadas por essa documentação, cujo formato permite a integração das diferentes pesquisas em andamento e de outras, em fase de

---

4. Luciana Eliza dos Santos, *A trajetória anarquista do educador João Penteadó: leituras sobre educação e a sociedade* (projeto de mestrado, bolsa FAPESP); Daniel Righi, *O Cine Educativo de João Penteadó: uma experiência pioneira e não oficial de utilização do cinema na educação em São Paulo* (mestrado, bolsa CNPq); Tatiana Calsavara, *Práticas de educação libertária: a experiência da Escola Moderna em São Paulo* (mestrado) e *A militância anarquista através das relações mantidas por João Penteadó: estratégias de sobrevivência pós anos 20* (doutorado); Flávia Urzua, *Entre formaturas e comemorações: construção de um catálogo dentro do arquivo João Penteadó, 1912-1965* (bolsa IC FAPESP 2004 a 2006); Débora Pereira dos Santos, *A Escola Moderna n. 1: uma análise das concepções e práticas anarquistas sobre as relações de gênero* (TCC, 2008); Ana Paula Martins, *Ensino para o trabalho no contexto libertário: experiência de 1912-1931* (mestrado).

elaboração, em um único tema “guarda-chuva”. A realização da pesquisa sobre educação anarquista é parte de projeto mais amplo de estudos sobre a história da educação popular no Brasil, das relações entre educação e trabalho, especificamente, em São Paulo, no final do século XIX e nas primeiras décadas do século XX, seja como proposta governamental de ensino e de formação profissional destinada aos setores populares, seja como iniciativa de grupos e/ou movimentos sociais populares.

## 2. O acervo documental escolar do educador anarquista João Penteadó (1912-1961)



Figura 1: Escola Moderna n. 1. Professor João Penteadó à esquerda. Sem data.  
Fonte: Arquivo Escolar João Penteadó (CME/FEUSP)

### 2.1 – O arquivo escolar e a educação anarquista

O Arquivo João Penteadó constitui-se de séries documentais completas acumuladas no estabelecimento de ensino ao longo de quase cinquenta anos, entre 1912 e 1961, contendo informações relevantes sobre a vida

institucional nos diferentes momentos de sua história nos quais esteve sob a direção do referido educador anarquista: Escola Moderna n. 1 (1912-1919); Escola Nova (1920-1923); Academia de Comércio Saldanha Marinho (1924-1943); Escola Técnica de Comércio Saldanha Marinho (1944-1947); Ginásio e Escola Técnica Saldanha Marinho (1948-1961).

A denominação e cronologia das escolas, criadas pelo educador após a extinção da Escola Moderna, estão relacionadas não apenas às suas atribuições pedagógicas, aos níveis e modalidades de cursos ofertados, mas também à necessidade de obedecer a denominações e regras prescritas pelas normas legais, frequentemente modificadas pelos governos estadual e federal<sup>5</sup>.

As propostas educacionais libertárias chegaram ao Brasil, trazidas pelo movimento anarquista, já no final do século XIX. A partir dos anos de 1890, as concepções socialistas e anarquistas difundem-se com a expansão urbana e industrial, o aumento do fluxo imigratório e o consequente aumento no número de trabalhadores e operários.

Entre as ações educacionais desenvolvidas pelos militantes e simpatizantes anarquistas, encontra-se a abertura de várias escolas no estado de São Paulo, duas delas na capital, as chamadas Modernas, situadas nos bairros operários do Belenzinho e do Brás, e dirigidas, respectivamente, por João Pentead e Adelino Pinho. O primeiro passo foi a constituição de um comitê organizador da Escola Moderna de São Paulo, em 1909, encarregado de programar a Escola Moderna n.1 e providenciar os recursos econômicos indispensáveis<sup>6</sup>. Em 1912, após obter autorização do

- 
5. Ao mesmo tempo, não deixa de despertar interesse a escolha dos nomes que lhe foram atribuídos, seja o de Escola Nova, referência provável ao expressivo movimento pedagógico em curso no país, na época; seja o de Saldanha Marinho, que homenageia importante “republicano histórico” de São Paulo, dos momentos da Propaganda, e o primeiro grão-mestre da Maçonaria Republicana, eleito por voto secreto pelos maçons, em oposição à ala maçônica que apoiava o Governo Imperial, liderada pelo Visconde do Rio Branco (Moraes, 2006).
  6. Conforme observa Edgar Rodrigues (1992), inúmeras outras iniciativas ocorreram, no país e no estado de São Paulo, antes e depois da criação das Escolas Modernas. Uma ocorrência primeira foi a Escola União Operária, fundada no Rio Grande do Sul em 1895, provavelmente originária da iniciativa dos ex-integrantes da Colônia



diretor geral da Instrução Pública do estado para instalar e fazer funcionar o estabelecimento, o comitê decidiu entregar a direção da escola a uma pessoa identificada com a doutrina libertária e portadora das qualidades pedagógicas necessárias ao exercício pedagógico. A escolha recaiu sobre o professor João Penteado, partidário da corrente kropotkiniana do anarquismo (comunista libertária) e admirador da obra de Francisco Ferrer Guardia, pedagogo espanhol fundador das Escolas Modernas de Barcelona (Luizetto, 1986, 1987).

João de Camargo Penteado nasceu em Jaú, interior do estado de São Paulo, em 4/8/1877, e faleceu, na capital, em 31/12/1965. De acordo com Luizetto (1986), ainda menino fazia as vezes de estafeta, ajudando o pai, Joaquim de Camargo Penteado, agente dos Correios naquela cidade. A leitura de seu currículo indica que sua instrução era “primária e autodidata”. Aprovado em concurso, iniciou a carreira de professor no magistério municipal de Jaú, tendo lecionado, depois, em outras cidades do interior do estado. Nos anos de 1900, ainda em Jaú, associou-se ao Centro Operário da cidade, tornando-se redator do jornal *O operário*, “órgão das classes trabalhadoras”, fundado provavelmente em 1905. É difícil afirmar em que época exatamente João Penteado teria entrado em

---

Cecília, como indica Rodrigues, seguida da criação, também naquele estado, na cidade de Porto Alegre, de uma outra escola fundada em homenagem ao Eliséé Reclus, a Escola Eliséé Reclus, local que o militante anarquista teria visitado em sua passagem pelo Brasil. Em São Paulo, a Escola Liberária Germinal surgiu em 1903, e seguia o método da Escola Moderna de Barcelona. Na cidade de Santos, a União Operária dos Alfaiates teria fundado, em 1904, a Escola Sociedade Internacional, e a Federação Operária, a Escola Noturna, em 1907. Há, ainda, o registro das chamadas Escolas Livres como as de Campinas, fundadas em 1909 pela Liga Operária; a Escola da Liga Operária de Sorocaba, criada em 1911; a Escola da União Operária de Franca, fundada por Teófilo Ferreira, em 1912; e o surgimento de uma Escola Moderna, em São Caetano, em 1919. Rodrigues menciona, ainda, a Escola Nova, fundada em 1912, no bairro da Mooca, em São Paulo, por Florentino de Carvalho, e a existência em 1920, também na capital, da Escola Joaquim Vicente. O levantamento existente sobre as escolas anarquistas e sua organização é bastante incompleto, fazendo-se urgente o necessário trabalho de mapeamento dessas instituições e a localização das fontes documentais a elas relacionadas, visando à sua preservação e organização.

contato com os escritos de Kropotkin, Reclus, Grave e outros comunistas libertários, cujos livros podem ser encontrados em sua biblioteca. Para Romani (2002), Penteadado teria conhecido as propostas da educação libertária e a pedagogia de Ferrer em uma das conferências realizadas por Oreste Ristori em Jaú. De qualquer maneira, como assinala Luizetto (1986), seus textos publicados na imprensa operária<sup>7</sup> revelam familiaridade com as ideias próprias daquela concepção do anarquismo.



Figura 2: Professor João Penteadado. Sem data.  
Fonte: Arquivo João Penteadado (CME/FEUSP)

Partindo-se da distinção realizada por Luizetto (1986, 1987) a respeito da atuação dos anarquistas no campo educacional, é possível demarcar dois momentos possíveis: os anos entre 1840 e 1882, carac-

---

7. João Penteadado contribuía regularmente com a imprensa operária, escrevendo artigos em jornais anarquistas como *A Plebe*, *A Lanterna*, *A Rebelião*, entre outros (Arquivo Edgar Leuenroth/UNICAMP); nos jornais espíritas *Nova Revelação* e *Natalicio de Jesus*, ambos da primeira década do século XX, e nos quais trabalhou também como redator-chefe (Arquivo Escolar João Penteadado, CME-Feusp). A esse respeito, consultar Luciana Eliza dos Santos, *A trajetória anarquista do educador João Penteadado: leituras sobre educação e sociedade*, Dissertação de mestrado – FEUSP, 2009.

terizados pelas contribuições de Proudhon e de Bakunin nos debates sobre a questão, e o segundo período, iniciado com a elaboração do Programa Educacional pelo Comitê para o ensino anarquista, divulgado em 1882, que se estende até as primeiras décadas do século XX e tem como principais protagonistas Kropotkin e Malatesta. Se, no primeiro momento, os anarquistas priorizaram o protesto e a crítica à educação dominante, no segundo período, o traço principal foi a elaboração, pela nova geração de militantes e simpatizantes, de propostas no campo da teoria e da prática educacional. Várias personalidades do movimento libertário integraram o comitê e contribuíram para a elaboração do Programa Educacional, entre as quais Kropotkin, Elisée Reclus, Louise Michel, Jean Grave e Carlo Malato. O Programa propõe combate aos métodos e objetivos da educação oficial (estatal) e da educação dogmática (confessional), por meio da criação de Centros de Estudos, escolas livres, modernas ou racionalistas, e universidades livres e populares. Incorpora, também, as contribuições de Paul Robin sobre educação integral e as do ensino racional, desenvolvido nas escolas de Francisco Ferrer.

A concepção de educação integral formulada por Robin está ligada à história do movimento revolucionário do século XIX e à sua participação nos Congressos da I Internacional, em Lausane (1867) e Bruxelas (1868), onde apresenta o “Programa de Ensino Integral”, aprovado pelos participantes, inclusive por Karl Marx (Luizetto, 1986). À concepção de educação integral defendida no movimento anarquista por Proudhon, Bakunin e Kropotkin – contrária à existência de dois tipos de instrução – uma “aprimorada”, reservada aos burgueses, e outra, “simplificada”, destinada aos trabalhadores, expressão da dominação de classe –, Paul Robin irá enfatizar, na apreensão de seu significado, a existência de três dimensões, necessariamente integradas: a dimensão física, a dimensão moral e a dimensão intelectual. Francisco Ferrer, na direção das formulações de Robin, defende a educação integral para possibilitar “o pleno desenvolvimento de todas as capacidades do indivíduo”, “integrando o trabalho manual e o intelectual” (Ferrer Guardia, 1978). Nessa perspectiva, propõe a utilização de métodos

ativos, a coeducação social e de sexo, e a integração da escola com seu entorno físico e social.

As Escolas Modernas de São Paulo foram fechadas em 1919, por ordem da Diretoria da Instrução Pública do Estado de São Paulo, após acidente provocado pela explosão de uma bomba no bairro do Brás, no qual perderam a vida quatro militantes anarquistas, entre eles José Alves, diretor da Escola Moderna de São Caetano. Os motivos alegados para o fechamento foram que “a escola dirigida por João Penteado visava à propaganda de ideias anarquistas [...] como também a que era dirigida por José Alves, anarquista morto na explosão [...] bem como a de Adelino Pinho, que faziam propaganda de ideias subversivas<sup>8</sup>.”

A literatura tem apontado a relevância dessa escola que, desde sua inauguração, em maio de 1912, até o seu fechamento, em novembro de 1919, serviu de referência para as atividades educacionais do movimento em São Paulo. Conforme salienta Luizetto (1986), a própria duração da Escola é um aspecto a ser destacado entre suas peculiaridades – sete anos e meio, tempo relativamente longo se comparado ao das outras iniciativas do movimento, em geral sujeitas a inúmeros contratempos. Outro aspecto mencionado consiste na heterogeneidade das pessoas que compunham o seu comitê organizador e aderiram à proposta ao longo do tempo, no que se refere à sua diversidade social e de pontos de vista políticos defendidos. Segundo esse autor, tal como em Barcelona, a ideia do ensino racionalista de Ferrer promoveu aqui, em nosso país, uma aproximação entre anarquistas e pessoas situadas fora dos quadros restritos da militância, mas dotados do que se chamava “espírito emancipador”, liberais, socialistas, livre-pensadores, nos quais se incluíam maçons e republicanos. O fato de essas pessoas usufruírem de melhor posição social e contribuírem com recursos econômicos para a manutenção do estabelecimento propiciou-lhes menores problemas financeiros.

---

8. Excerto do Relatório do Interior de São Paulo no ano de 1919, apresentado em anexo por Luizetto, 1984. Documentos manuscritos de João Penteado, 1919 (Arquivo João Penteado/CME-FEUSP). A respeito do episódio, consultar também Marques, s/d.

No entanto, conforme está indicado por João Penteado no “Boletim da Escola Moderna”, a participação operária e a contribuição dos sindicatos de trabalhadores era bastante significativa. Em 1919, sofrendo sérios contratempos financeiros em “tempo de epidemia”, que forçara a interrupção temporária das aulas, o diretor informava ter obtido o auxílio de associações operárias, ao lado das contribuições das lojas maçônicas e das individuais, como as da Sociedade dos Laminadores de São Caetano, Liga dos Pedreiros e Confeiteiros, União dos Artífices em Calçados, União dos Chapeleiros de São Paulo, do Sindicato Proletário de Sabaúna e Sindicato dos Canteiros de Lageado, entre outros<sup>9</sup>.

Finalmente, a opção de contratar um educador familiarizado com o trabalho de natureza pedagógica, capaz de colocar em prática o modelo de ensino proposto por Ferrer, atribui relevância a essa primeira iniciativa de educação escolar, que irá servir, por isso mesmo, de modelo às demais escolas criadas no estado de São Paulo.

Nessa direção, o Arquivo João Penteado – as novas fontes reunidas sobre a Escola Moderna, e a documentação inédita no que diz respeito às outras instituições de ensino, representativas da continuidade da obra deste educador libertário – abre novas possibilidades para se conhecerem as pretensões dos anarquistas na área da educação escolar no estado de São Paulo, ainda hoje pouco conhecidas. Documentos como o *Boletim da Escola Moderna* e *O Início* trazem informações importantes sobre as práticas pedagógicas adotadas pelo professor João Penteado e de que forma essas práticas estavam associadas às ações da militância anarquista em um contexto maior de propaganda, que tinha como finalidade a “Revolução Social” (Calsavara, 2004). Em outras palavras, contrariando as interpretações correntes na história

---

9. A vinculação dessas escolas ao movimento operário é indicada também por alguns periódicos como o *Inimigo do Povo*, *A Voz do Trabalhador*, *A Lanterna*, *A Terra Livre*, entre outros. Vários dirigentes anarquistas estiveram à frente de movimentos pró-educação racional, entre eles, Neno Vasco, Edgar Leuenroth, Gigi Damiani e Everardo Dias, nomes que aparecem em quase todas as lutas travadas pelos operários de São Paulo e Rio de Janeiro nas duas primeiras décadas do século XX (Marques, s/d).

da educação que dão por encerrado “o capítulo do ensino libertário ministrado pelas escolas anarquistas”, em 1919, “pelo menos em São Paulo”, com o fechamento das escolas modernas da capital e de São Caetano (Luizetto, 1984), esse conjunto documental – o arquivo escolar e o acervo pessoal do educador – permite analisar a continuidade da experiência anarquista brasileira em educação para além dos anos de 1920, e, portanto, de prosseguir os estudos realizados e problematizar alguns conceitos e interpretações até agora aceitos na análise histórica e na historiografia educacional.

É preciso destacar, em particular, os trabalhos que, ao analisarem os períodos anteriores a 1930, alegam o precário desenvolvimento da indústria, a fragilidade das classes dominantes, sua “incapacidade” em formular e implementar projetos de seu interesse; assim como a ausência de uma classe operária madura, autônoma e organizada, preparada para propor e opor um projeto político que confrontasse o das classes dominantes. Do lado da classe operária, a importação do anarquismo e do anarcossindicalismo, conjugada com a origem imigrante e camponesa dos trabalhadores, desviariam a classe de sua tarefa histórica e culminariam no populismo<sup>10</sup>. A partir desse diagnóstico, constroem-se teorias que afirmam o desenvolvimento atrasado ou tardio do capitalismo no Brasil, nas quais o Estado vem a ser o único sujeito histórico capaz de “preencher o vazio” e promover a modernização do país, ou seja, o desenvolvimento capitalista. Nessas abordagens, tal concepção de Estado demiurgo ignora a luta de classes como constitutiva das relações sociais, entendendo-a como “apenas um efeito na superfície” (Chauí, 1978), isto é, como “resultado” do processo social.

---

10. A esse respeito, ver Chauí (1978) e Martins (1979).



Figura 3: Fachada da Academia de Comércio Saldanha Marinho. Décadas de 1940 e 1950.  
Fonte: Arquivo João Penteado (CME/FEUSP)

Essas análises da sociedade brasileira e do movimento operário têm incidido na produção historiográfica no campo educacional e, de certa forma, dificultado o avanço de estudos mais recentes que partem da “necessidade de apreender a representação recíproca e contraditória que as classes constroem de si mesma e das outras no processo histórico” (Chauí, 1978), entendendo o ideário e a cultura anarquista como formas de enfrentamento e resistência social<sup>11</sup>. Espera-se que as novas fontes provenientes do Arquivo João Penteado possam iluminar as práticas libertárias, sobretudo as de educação escolar, e, dessa forma, contribuir para avanço da história da educação e dos movimentos sociais no Brasil.

---

11. Entre esses estudos, os de Mauricio Tragtenberg (s/d), Silvio Gallo (1995), Célia Giglio (1995).

## 2.2 – A importância das fontes arquivísticas e museológicas para o estudo da história das práticas escolares

O acervo arquivístico de uma escola é decorrente de suas atividades administrativas e pedagógicas<sup>12</sup>. As atividades administrativas são atribuições específicas da secretaria, do departamento pessoal, da tesouraria e da diretoria. As salas de aula, ao lado dos laboratórios de ciências, constituem os principais locais de desenvolvimento das atividades pedagógicas, onde são produzidos materiais relacionados à situação de ensino-aprendizagem, materiais de uso didático, além de registros sobre as classes e sobre cada aluno individualmente.

Um conjunto documental de tipologias distintas foi recolhido pelo CME – fontes textuais, escritas, iconográficas, filme, fontes orais e museológicas. A pluralidade das fontes indica e expressa a especificidade do objeto pedagógico, seu caráter multifacetado, que exige o concurso de vários domínios de conhecimento para ser apreendido na complexidade das relações que estabelece na globalidade do social, nas dimensões política, administrativa, econômica, social e cultural (Morales, 2002).

Com a documentação disponível pode-se conhecer algumas das importantes características da Escola Moderna n. 1 e das demais instituições criadas ao longo dos anos. No caso das escolas oficiais, um dos problemas mais graves observados consiste na eliminação indiscriminada dos documentos. Todos os arquivos possuem lacunas significativas, o que se deve, principalmente, a falhas nas normas legais que regulamentam a preservação de documentos nos estabelecimentos de ensino<sup>13</sup>. Embora não seja esse o quadro apresentado pelas escolas dirigidas por João Penteadado, uma vez que a guarda documental e a

---

12. Sobre arquivos escolares, consultar Ribeiro (1992) e Moraes (2002).

13. De acordo com Ribeiro (1992), as normas existentes baseiam-se “apenas no valor probatório dos documentos”; “o valor informativo, que se refere ao seu uso científico e cultural, raramente é considerado”. Para o autor, tal desatenção “no mínimo surpreende”, uma vez que “os órgãos responsáveis pela regulação da vida escolar são os Conselhos Federal e Estaduais de Educação”.



preservação da memória institucional parecem consistir em objetivos perseguidos pelo educador durante toda a sua vida, no que se refere à Escola Moderna é possível observar a existência de várias lacunas de informação. A ausência de fontes, entretanto, tem outra origem, muito provavelmente relacionada à atuação repressiva do Estado sobre as iniciativas pedagógicas libertárias.



Figura 4: Cine Teatro Educativo. Sem data.  
Fonte: Arquivo João Penteadó (CME/FEUSP)

Como alguns estudos têm recentemente indicado, os arquivos escolares constituem lugares especiais para a aprendizagem de diferentes disciplinas. Alguns documentos produzidos/acumulados pela instituição, como os regimentos, os dossiês individuais dos alunos, os álbuns fotográficos, os boletins e os periódicos podem ser utilizados no ensino da história e da geografia, por exemplo. Outros documentos, como

programas de ensino, trabalhos e provas de alunos, atas de reuniões de professores, relatórios do diretor, planos de aula, livros didáticos adotados etc. constituem fonte privilegiada para o estudo de muitos aspectos da vida escolar, das propostas curriculares e da conformação das disciplinas, dos sistemas de avaliação e promoção dos alunos, e podem proporcionar “uma rica e necessária reflexão sobre a atividade pedagógica desenvolvida na escola” (Ribeiro, 1992; Moraes, 2002). Com exceção dos documentos da Escola Moderna, aqueles originados ou acumulados nas outras quatro instituições apresentam, em grande parte, origem legal, ou seja, são produzidos em obediência à legislação em vigor, como, por exemplo, os relatórios dos diretores dos estabelecimentos e de inspetores, os prontuários de alunos(as), os livros de matrículas e o de notas. Esses documentos, além de expressarem a intencionalidade governamental, as concepções e orientações de educação e de escola formuladas em diferentes instâncias do Estado, possibilitam, ao mesmo tempo, apreender as formas como foram apropriadas pelos diferentes sujeitos escolares envolvidos na realização/implementação das normas legais<sup>14</sup>. No caso específico das escolas João Penteadó, essas fontes podem contribuir para a apreensão de possíveis momentos de conflito e estratégias de resistência, e dos elos dessas práticas culturais com o movimento operário (Foot Hardman, 1983).

Alguns documentos como os estatutos e regimentos, prontuários e livros de matrícula trazem informações sobre a organização e atribuições das escolas, sobre o perfil de seus professores e funcionários, as condições sociais, econômicas e a nacionalidade das famílias dos alunos. Sugerem, por exemplo, que apesar de a educação de crianças procedentes da classe operária constituir uma de suas prioridades, atendia – em consonância com os princípios orientadores do ensino racionalista, como o da “coeducação social” – alunos filhos de pequenos negociantes estabelecidos por conta própria nas redondezas da escola, barbeiros, alfaiates etc. (Luizetto, 1984). A organização dos cursos nas escolas, nos anos seguintes, de acordo com a documentação existente, confirma a preferência

---

14. A esse respeito consultar Moraes (2002) e Faria Filho (1998).

no atendimento de alunos trabalhadores. Desde os tempos da Escola Nova (1920-1923), entre os cursos ofertados, além do ensino primário de três anos e do médio de um ano, consta o de comércio de três anos de duração, o de datilografia e taquigrafia, ambos de 18 meses, e também os cursos de estenografia (“steno-dactylographia”), e o de guarda-livros, com duração de dois anos, todos após o ensino médio. Como a escola era particular e paga, a notícia alertava para o valor da mensalidade, de apenas 20\$000 mensais, com “o direito de receber lições de português, inglês, francês, aritmética, álgebra, contabilidade, escrituração mercantil, inclusive noções sobre direito comercial”. Salientava, também, o fato de os alunos da escola serem “favorecidos com passes escolares para os bondes da Light” (Jornal *O Início*, n. 1, 12/10/1922). A realização do ensino técnico comercial ocorre na escola até o início dos anos de 1960, na Academia de Comércio Saldanha Marinho (1924-1943); na Escola Técnica de Comércio Saldanha Marinho (1944-1947); no Ginásio e Escola Técnica Saldanha Marinho (1948-1961).



Figura 5: Aula de Datilografia. Academia de Comércio Saldanha Marinho. Década de 1940.

Fonte: Arquivo João Penteadó (CME/FEUSP)

No que se relaciona a outro princípio educativo, o da coeducação de sexo, é interessante observar que nos primeiros anos de funcionamento a escola fornecia ensino aos dois sexos, mas separadamente, em períodos escolares diferentes, “das 8hs ao meio-dia, para a seção masculina, e das 12:30 às 16:30h para a seção feminina”<sup>15</sup>. Tal separação, estranha aos princípios anarquistas, não irá permanecer nas escolas posteriores.

A imprensa anarquista, em particular o jornal *A Lanterna*, e os jornais da escola constituem, no período da Escola Moderna, fontes quase exclusivas para os estudos do ensino libertário, e sua importância permanece nos períodos posteriores. O jornal *O Início*, elaborado pelos alunos (algumas vezes nomeados como alunos do Grêmio acadêmico), começou a ser publicado na Escola Moderna e persiste em todo o período, existindo ainda nos anos de 1950, no Ginásio e Escola Técnica Saldanha Marinho. Era uma publicação de proporções modestas, que conseguiu manter – apesar de todos os obstáculos – certa periodicidade. Com essa iniciativa, João Penteadado “desejava, evidentemente, estimular entre os alunos a prática da cooperação e da solidariedade” (Luizetto, 1986). O jornal, mantido com os recursos dos próprios estudantes, visava principalmente dar publicidade aos trabalhos elaborados pelos alunos sobre as atividades vivenciadas na escola (em situações de ensino, festividades, excursões), ou na família.

O “Boletim da Escola Moderna” e, posteriormente, o da Academia de Comércio Saldanha Marinho, dirigido pelo próprio João Penteadado, permanece até a década de 1940, e, conforme indicam as fontes, desaparece no período subsequente. Em seu primeiro número, o redator afirma que o Boletim,

apesar da exiguidade do formato com que se apresenta [...] poderá prestar valiosíssima contribuição para a obra da propaganda racionalista, que temos empreendido, servindo de veículo para a disseminação das modernas correntes de ideias, que tendem a reabilitar a humanidade para a vida, redimindo-a e tornando-a livre e feliz.

---

15. Informe de João Penteadado no jornal *A Lanterna*, São Paulo, 8/11/1913.



Figura 6: *Boletim da Escola Moderna*. 1918.  
Fonte: Arquivo João Penteadó (CME/FEUSP)

Na Escola Moderna, o jornal traz notícias diversas sobre questões sociais, a vida escolar, informações sobre os cursos ofertados, a lista dos alunos matriculados, o número de alunos matriculados, frequentes, evadidos, aprovados e não aprovados, além de balancetes financeiros. A maior parte do espaço era ocupada por artigos políticos, na divulgação das concepções libertárias, do ensino racionalista e de acontecimentos considerados relevantes no plano nacional e internacional – como a Comuna de Paris, a Revolução Russa, o assassinato de Francisco Ferrer y Gardia, o 1º de Maio etc., escritos por João Penteadó ou por outros autores anarquistas, como Adelino Pinho, Astrogildo Pereira, Eliseu Reclus, Ferrer, Edmundo de Amicis, entre outros. Posteriormente, levando-se em conta algumas pequenas modificações, os jornais mantiveram, em todo o período de existência, até os anos de 1950, o mesmo formato e atribuições, o que os tornam importante registro, ao longo do tempo, das concepções teóricas e orientações políticas, das práticas escolares, dos cursos ofertados, métodos de ensino, do perfil de alunos e professores, e, até mesmo, de aspectos do dia a dia dos alunos e de suas famílias.



Figura 7: Sala de aula de química. Academia de Comércio Saldanha Marinho. Década de 1940.

Fonte: Arquivo João Peneado (CME/FEUSP)

Nos anos subsequentes, a preservação de outros tipos de fontes escolares amplia as informações sobre vida escolar, suas mudanças e permanências. É possível, em primeiro lugar, observar as modificações nos documentos produzidos periodicamente, em obediência às normas burocráticas e suas exigências legais, e, a partir delas, a relação da escola com a administração pública. Em segundo lugar, é importante enfatizar, mais uma vez, que o Arquivo João Penteado permite apreender cinco décadas de vida escolar, constituindo uma série documental de extensa cronologia, raramente existente no país. As referidas espécies documentais – fotografias, livros didáticos, livros de matrícula, livros de ponto, relatórios do diretor da escola à Inspeção de Ensino, diários de classe (elaborados por professores de cada disciplina e acompanhados, em geral, do programa das disciplinas), livros de atas de reuniões de professores, livros de atas de congregação, livros de atas de exame (além da ampla diversidade de

documentos avulsos, mimeografados ou manuscritos), ofícios sobre diferentes assuntos, registros variados e acerca das visitas de inspeção por fiscais estaduais e federais, e de inspetores estaduais do ensino profissional, informes, correspondências, trabalhos de alunos, além do arquivo pessoal e da biblioteca – contêm informações úteis ao estudo de temáticas relevantes para a história da educação brasileira, e, em particular, para a história da educação escolar anarquista. No que se refere às relações entre trabalho e educação, à concepção e valorização dos cursos profissionais, os prontuários dos alunos trabalhadores dos cursos profissionais apresentam informações valiosas a respeito das ocupações/profissões desses alunos, os salários/rendimentos obtidos e sua trajetória no mercado de trabalho.

Como já se aventou em tópico anterior, trata-se de verificar se houve ou não a permanência de princípios orientadores libertários na vida escolar, se foi possível ou não sua continuidade na conformação das práticas pedagógicas, bem como as formas de sua manifestação nas diferentes conjunturas políticas e educacionais da realidade nacional, e a possibilidade de distingui-las de outras concepções educacionais em curso, tanto no âmbito do governo quanto nos grupos de trabalhadores, no movimento operário e sindical, contribuindo para restituir à história educacional do período a dimensão das disputas em torno de projetos pedagógicos diferenciados e a mobilização de dispositivos que serviram a uma pluralidade de propósitos distintos e/ou antagônicos (Moraes; Giglio; Hilsdorf, 2008).

Em resumo, no que se refere à contribuição mais ampla das fontes de pesquisa para o campo da história da educação, o conjunto documental permite, entre outras questões substantivas, apreender a dinâmica de mudanças e permanências no campo político-pedagógico, a escolarização dos conhecimentos, a complexidade da atuação docente, o lugar atribuído à mulher na sociedade e no ensino, a organização e o lugar do ensino profissional, as relações entre ensino e trabalho e, no caso específico, a organização do ensino profissional e do ensino privado.

## Referências bibliográficas

CALSAVARA, Tatiana da Silva. *Práticas da Educação Libertária no Brasil: a experiência da Escola Moderna em São Paulo*. Dissertação (Mestrado) – FEUSP, São Paulo, 2004.

CHAUI, M. Apontamentos para uma crítica da Ação Integralista Brasileira. In: CHAUI, M.; FRANCO, M. S. *Ideologia e mobilização popular*. Rio de Janeiro: CEDEC; Paz e Terra, 1978. p. 19-30.

FARIA FILHO, Luciano Mendes de. A legislação escolar como fonte para a História da Educação: uma tentativa de interpretação. In: FARIA FILHO, Luciano (Org.). *Educação, modernidade e civilização*. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.

FERRER GUARDIA, F. *La escuela moderna*. Barcelona: Tusquets Editor, 1978.

FOOT HARDMAN, F. *Nem pátria nem patrão: vida operária e cultura anarquista no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1983.

GALLO, S. *Educação anarquista*. Piracicaba: Ed. da UNIMEP, 1995.

GIGLIO, Célia Maria Benedicto. *Voz do trabalhador: sementes para uma nova sociedade*. Dissertação (Mestrado) – FEUSP, São Paulo, 1995.

LUIZETTO, F. *Presença do anarquismo no Brasil: um estudo dos Episódios Literário e Educacional – 1900/1920*. Tese (Doutorado) – UFSCAR, São Carlos, 1984.

\_\_\_\_\_. O movimento anarquista em São Paulo: a experiência da Escola Moderna n. 1 (1912-1919). *Educação e Sociedade*. Campinas: CEDES/ UNICAMP/ São Paulo: Cortez, ano VIII, n. 24, p. 18-47, ago. 1986.

\_\_\_\_\_. *As utopias anarquistas*. São Paulo: Brasiliense, 1987.

MARQUES, Antonio José. *Escola Moderna de São Caetano*. [s/d], p. 13. Mimeo-grafado.

MARTINS, J.S. *O cativo da terra*. São Paulo: Ciências Humanas, 1979.

NUNES, Clarice; CARVALHO, Marta M. Chagas de. Historiografia da Educação e Fontes. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 15., 1992, Caxambu-MG. *Anais...* 1992.

MORAES, C.S. V. Significado e relevância do Inventário de Fontes para o estudo do Ensino Técnico no Estado de São Paulo. In: MORAES, C.S.V.; ALVES, J. F. (Org.).



*Inventário de Fontes Documentais: contribuição à Pesquisa do Ensino Técnico no Estado de São Paulo.* São Paulo: Imprensa Oficial do Estado; FAPESP, 2002.

\_\_\_\_\_. *O ideário republicano e a educação: uma contribuição à história das instituições.* Campinas: Mercado de Letras/FAPESP, 2006.

MORAES, C.S.V.; GIGLIO, C.B.; HILSDORF, M.L.S. *Estratégias educativas anarquistas no Brasil.* Eixo 7 – Políticas Educativas e Cidadania. Comunicação Coordenada – Trabalho, educação e luta social: memória e história de projetos e estratégias pedagógicas desenvolvidas por trabalhadores e para trabalhadores. Porto: Congresso Luso-Brasileiro de História da Educação, 2008. Mimeografado.

MORAES, C.S.V.; ZAIA, I.; VENDRAMETO, C. Arquivos escolares e pesquisa histórica: fontes para o estudo da educação brasileira. *Pro-posições*, Faculdade de Educação/UNICAMP, v. 16, n. 1 (46), jan.-abr. 2005.

RIBEIRO, Marcus Vinício Toledo. Os arquivos das escolas. In: NUNES, Clarice (Coord.). *Guia Preliminar de Fontes para a História da Educação Brasileira.* Brasília: INEP, 1992.

RODRIGUES, E. *O anarquismo na escola, no teatro, na poesia.* Rio de Janeiro: Achiamé, 1992.

ROMANI, C. *Oreste Ristori: uma aventura anarquista.* São Paulo: Annablumme; FAPESP, 2002.

SANTOS, Luciana Elisa dos. *A trajetória anarquista do educador João Penteadó: leituras sobre educação, cultura e sociedade.* Dissertação (Mestrado) – FEUSP, São Paulo, 2009.

TRAGTEMBERG, M. *Francisco Ferrer e a pedagogia libertária.* PUC-SP, [s/d.]. Mimeografado.

Endereço para correspondência:  
Carmem Sylvia Vidigal Moraes  
Faculdade de Educação/Universidade de São Paulo  
Avenida da Universidade, n. 308  
Cidade Universitária – Butantã  
São Paulo-SP

CEP: 05.508-900

E-mail: [moraessc@usp.br](mailto:moraessc@usp.br)

Daniel Righi

Faculdade de Educação/ Universidade de São Paulo

Avenida da Universidade, n. 308

Cidade Universitária – Butantã

São Paulo-SP

CEP: 05.508-900

E-mail: [drakoleo@yahoo.com.br](mailto:drakoleo@yahoo.com.br)

Luciana Santos

Faculdade de Educação/ Universidade de São Paulo

Avenida da Universidade, n. 308

Cidade Universitária – Butantã

São Paulo-SP

CEP: 05.508-900

E-mail: [lucianaeliz@usp.br](mailto:lucianaeliz@usp.br)

Tatiana Calsavara

Faculdade de Educação/ Universidade de São Paulo

Avenida da Universidade, n. 308

Cidade Universitária – Butantã

São Paulo-SP

CEP: 05.508-900

E-mail: [tcalsavara@gmail.com](mailto:tcalsavara@gmail.com)

Recebido em: 8 jul. 2010

Aprovado em: 29 mar. 2011